



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA**

**REDES SOCIAIS: O *FACEBOOK* COMO ELEMENTO CONTRIBUINTE AO  
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA CONSTRUÇÃO DA  
AUTONOMIA DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Itabaiana (PB)  
2014

JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA

**REDES SOCIAIS: O *FACEBOOK* COMO ELEMENTO CONTRIBUINTE AO  
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA CONSTRUÇÃO DA  
AUTONOMIA DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada no Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Paula Almeida de Castro

ITABAIANA - PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383r Ferreira, Jessica Kelly Sousa  
Redes sociais [manuscrito] : o facebook como elemento  
contribuinte ao processo de ensino e aprendizagem na construção  
da autonomia dos alunos de ensino médio / Jessica Kelly Sousa  
Ferreira. - 2014.  
38 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Paula Almeida de Castro, Departamento de  
Educação".

1. Tecnologias da informação e comunicação. 2. Ensino-  
Aprendizagem. 3. Facebook. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

**JESSICA KELLY SOUSA FERREIRA**

**REDES SOCIAIS: O *FACEBOOK* COMO ELEMENTO CONTRIBUINTE AO  
PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA  
DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada no Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 19/07/2014

Banca Examinadora



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Almeida de Castro  
Orientadora (UEPB)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Morgana Lígia de Farias Freire  
Instituição



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Lúcia de Souza Celino  
Instituição

Dedico este trabalho a Deus, que não me deixou desistir, a mim mesma, que tive força, foco, empenho e coragem suficientes para realizá-lo, à minha família, mola motivadora e importante para o meu sucesso, e ao namorado, pelo companheirismo durante todo o processo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, por ter oferecido a mim a força, coragem e perseverança necessárias para o desenvolvimento deste trabalho. A Ele que jamais me abandona, e sempre permite que eu me supere diante dos obstáculos mais complexos.

À minha família, em especial meus pais, Ediberto e Neide, minha irmã, Kênia, minhas tias Dira, Cleide e Dalva, o tio, Júnior, a prima-irmã, Jordana, e a sobrinha Ashley, pelo apoio e incentivo sempre me dado, estes causadores das minhas maiores vitórias.

Ao namorado, Robson Maciel, pelas tantas vezes que me fez acreditar em mim mesma, e em minha capacidade, quando tudo parecia tão difícil e sem solução.

À minha orientadora, Paula Castro, pelos “puxões de orelha” e incentivo e apoio mesmo quando não me julgava capaz.

Aos amigos, que me mostram que não há nada a temer quando se tem força para luta, e respeitaram minha ausência quando tive que abdicar de momentos juntos em prol da conclusão desse curso. Em destaque, a todos da família do meu namorado.

Aos colegas de curso, em especial Marleide e Manu, elementos essenciais para perserverar no sonho e para tornar as manhãs de sábado mais alegres e proveitosas.

Ao meu melhor amigo, Raphael Lira, por aturar a chatice, o cansaço, os choros e as lamentações, e por me fazer dar boas risadas quando precisei. A vocês, uma só palavra, obrigada!

*“Toda rede é um conjunto de caminhos. Todo caminho é uma caminhada para o futuro. E cada caminho é uma possibilidade diferente de futuro. Se alguém está conectado a duas pessoas, tem dois caminhos, duas possibilidades diferentes de futuro. Se estiver conectado a dez pessoas, são dez possibilidades de inovação, são dez oportunidades, são dez portas diferentes para o futuro” (SALIENTA FRANCO, apud FAVA, 2014, p.84).*

## RESUMO

A geração que se desenha nos dias atuais, marcada pela fácil disseminação da informação e comunicação, onde as tecnologias se desenvolvem a cada dia tem gerado mudanças em diversos âmbitos da sociedade, inclusive, na escola. Nesta perspectiva, entendemos que a escola precisa procurar meios que promovam não somente a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação, mas o uso didático-pedagógico de forma efetiva, dinâmica e real, visto que a maioria dos alunos já faz uso de tais recursos fora da escola. Nesse viés, este estudo propõe que o uso das redes sociais, neste caso, em específico, do *facebook*, pode funcionar como elementos potencializadores ao processo de ensino e aprendizagem. Baseados nos estudos de Menezes (2009) que propõe que a escola e o professor não podem estar alheios a essas inovações, Masseto (2000, p.133) quando afirma que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e eficaz” e Patrício e Gonçalves (2010) quando diz que o *facebook*, especificamente, “é um ambiente informal em que os estudantes se sentem à vontade para comunicar, partilhar e interagir”. Entendemos assim que o uso do telefone celular, através de grupos no *facebook* pode ser um caminho promissor para a abordagem de conteúdos, já que favorece a visualização e análise de mídias diversas, tal como proporciona o contato dos alunos com informações variadas e a interação alunos-alunos, alunos-professor.

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem. Facebook. Autonomia.

## ABSTRACT

The generation that is designed currently, marked by the easy dissemination of information and communication, when technologies develop day by day and has generated changes in different areas on society, including the school. Through this perspective, we understand that schools need to look for ways that can promote not only the insertion of new technologies of information and communication, but also the didactic and pedagogical use in an effective, dynamic and real way, seeing that most of the students already use these resources outside the classroom. According with this, this study proposes that the use of social networks, specifically, the *facebook*, can function as potentiating elements to teaching and learning process. Based on the studies of Menezes (2009) that proposes that schools and teachers cannot be oblivious to these innovations. Masseto (2000, p. 133) when affirms that “in education, still not appreciated adequately the use of technology with the objective to turn the process of teaching and learning more efficient and effective” and Patrício e Gonçalves (2010) when says that the *facebook*, specifically, “is an informal ambient in what students feel free to communicate, share and interact”. We understand, well, that the use of cell phones and, through of *facebook* groups, can be a promising way to approach different subjects, because favors the visualization and analyze of different medias., and also proportion the students’ contact with varied information and the students-students, students-teacher interaction.

**Key-words:** Teaching and learning. Facebook. Autonomy.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM	15
1.2 NOVOS CAMINHOS PEDAGÓGICOS – O FACEBOOK	17
<b>2 TECNOLOGIAS CULTURAIS – POR UMA REDIMENSÃO DA ESCOLA E DO PROFESSOR</b>	<b>21</b>
2.1 UMA NOVA ESCOLA?	22
2.2 UM NOVO DOCENTE	24
2.3 EIS O FIM DA ESCOLA E DO PROFESSOR?	27
<b>3 PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO</b>	<b>30</b>
3.1 AUTONOMIA	30
3.2 AUTONOMIA E ESCOLA	32
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir acerca da contribuição que as redes sociais, especificamente, o *facebook*, pode trazer para a quebra de paradigmas que permeiam o sistema educacional tradicional, almejando assim o possível encontro de novos caminhos que favoreçam a efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador, real e eficaz, tanto para os professores, quanto para os alunos.

Nesta perspectiva, observamos que algumas escolas e professores ainda precisam quebrar estes paradigmas já estabelecidos pelos processos de ensino aprendizagem, que algumas vezes, não têm sido tão eficientes como deveriam, e inserir o uso das novas tecnologias e das redes sociais, neste caso, em específico, do *facebook* nas escolas, visando auxiliar no processo de ensino aprendizagem de forma colaborativa, acompanhando assim as transformações sociais e tecnológicas, instigando a criticidade dos alunos, a construção coletiva de conhecimentos e um aprendizado mais autônomo.

Para Patrício e Gonçalves (2010), o *facebook* é um ambiente informal onde os alunos se sentem à vontade, para comunicar, partilhar e interagir, sendo assim, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento numa perspectiva mais autônoma, visto que o professor atuará como um mediador das discussões e da aprendizagem.

Entendemos ainda que esta proposta é um desafio para escolas e professores, devendo assim ser trabalhada de forma planejada e respeitando-se à realidade das escolas e salas de aula diversas, permitindo assim a implantação de novos caminhos para o fazer docente, em relação ao processo de ensino aprendizagem e objetivando, inclusive, que os alunos atuem de forma ativa no compartilhamento de informações e na construção coletiva e autônoma do conhecimento.

Sendo assim, a hipótese proposta aqui é que o uso dessas novas tecnologias e ferramentas, quando bem utilizadas pode subsidiar o trabalho do professor de forma dinâmica e inovadora, fazendo com que os alunos sintam-se mais motivados no processo de ensino aprendizagem.

Carvalho (2008, p. 8) corrobora com essa ideia quando diz que “as interfaces encontradas no mundo virtual, assim como a diversidade de sites e de redes sociais pode corresponder a criação de novos caminhos para o processo de ensino aprendizagem, visto que os alunos estarão imersos a um universo repleto de diversos aplicativos”.

Assim, a medida que os alunos façam uso dessas tecnologias na sala de aula, supomos que as redes sociais possam funcionar como ferramentas auxiliares no processo de ensino e aprendizagem, sendo capazes de construir sua própria autonomia a partir do uso destas e de destruir as barreiras já existentes no processo de ensino aprendizagem, que por vezes impedem os alunos de agirem de forma autônoma.

Sendo esta autonomia um processo de construção permanente (CONTRERAS, 2002), e construída a partir do momento em que estes conseguem gerir e orientar as diversas dependências as quais são expostos, de acordo com suas próprias leis (BARROSO, 1996).

Para tal, temos como objetivos refletir e discutir acerca da importância do uso das redes sociais, neste caso, do *facebook*, como ferramenta auxiliar no processo de ensino aprendizagem e na construção da autonomia dos alunos do ensino médio e analisar as possibilidades inovadoras de construção de autonomia no uso do *facebook* atrelado ao processo de ensino e aprendizagem.

O capítulo inicial discorre acerca do aporte teórico referente às novas tecnologias da informação e comunicação, enfocando de forma específica as contribuições que as redes sociais e *facebook* podem trazer ao processo de ensino aprendizagem. O segundo capítulo aborda a teoria de tecnologias culturais explicitando como as redes sociais funcionam também como tecnologias culturais que possivelmente geram um novo modelo de escola, de aluno e de professor. E, por fim, o capítulo final trata da questão da autonomia como elemento fundamental à prática educativa dos alunos de ensino médio.

## **1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO**

A rápida disseminação das tecnologias da informação e comunicação (TIC) tem gerado mudanças em diferentes âmbitos da sociedade. A escola, tal como o processo de ensino e aprendizagem não se excluem dos âmbitos que sentem estes impactos.

No mundo pós-moderno em que vivemos, o uso das TIC é massivo, onde quer que estejamos e em qualquer horário, sempre há alguém utilizando alguma nova tecnologia da informação e comunicação. O ambiente da escola também tem sido caracterizado pelo uso de dispositivos móveis, tablets, que permitem o amplo acesso as redes sociais, por exemplo.

Com isto, a rápida evolução de novas tecnologias da informação e comunicação permite a facilidade e agilidade na vida dos cidadãos, algumas vezes tão corrida, permitindo que as pessoas mudem seus hábitos e passem a refletir e solucionar problemas de formas novas, não conhecidas até a ascensão desses recursos.

Essa ascensão pode ainda interferir no modo de agir e de se relacionar das pessoas, assim como trazer modificações significativas nos mais diversos âmbitos de atuação dos seres humanos. Vejamos as contribuições de Kenski (2004, p. 23, apud LIMA E MOITA, 2011, p.131) quando afirmam que:

As novas tecnologias da informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura, e um novo modelo de sociedade.

Sendo as TIC transformadoras, não somente a nível individual, mas também coletivo, modificando a maneira na qual interagimos e convivemos em sociedade, estas permitem ainda que sejam transformadas as formas nas quais construímos conhecimentos, isso gera a formação de novos modelos de sujeitos, assim como de sociedade, mediados e transformados pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Essas tecnologias vão além de novos suportes, mas pressupõem uma mudança de comportamentos, de relações, sejam elas econômicas, sociais, políticas, culturais, ou até educativas.

Santos e Teixeira (2001, p.1) asseguram que as novas tecnologias da informação e comunicação propiciam mudanças constantes não somente no comportamento humano, mas também nas relações sociais e nos modelos de aprendizagem, já que o uso dessas tecnologias favorece ao sujeito novas experimentações, novos desafios e possibilidades.

Nessa perspectiva, somos capazes de perceber que as TIC não devem mais ser entendidas como ferramentas, com as quais podemos realizar determinadas tarefas, já que elas estão sendo incorporadas ao nosso modo de ser, de interagir com os serviços e produções de bens, de estruturar informações e de sistematizar, ideias e novos dados a serem processados. Diminuindo assim os espaços e tempos de comunicação, acesso e recepção de informações. Logo, começam a influenciar o nosso modo de agir e pensar, passando a ser estruturantes do nosso pensamento (ALMEIDA E VALENTE, 2010).

Assim, entendemos que como afirma Menezes (2009), a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso das TIC, visto que a inserção e o uso desses recursos, como as redes sociais, já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades encontradas nas escolas.

O uso das TIC atrelado ao processo de ensino e aprendizagem pode funcionar como um caminho para um aprendizado mais real, dinâmico e inovador, pois tais instrumentos permitem que o aluno seja capaz de relacionar sua vivência cotidiana e real com os possíveis aprendizados e construções de conhecimento que acontecem no ambiente da escola.

Através disso, “a tecnologia se configura como uma “caixa de ferramentas” úteis à elaboração e ampliação de conhecimentos que favorecem procedimentos pedagógicos voltados à realidade, propiciando a interação dos alunos com o meio tecnológico” (LIMA E MOITA, 2011, p.131).

Essa abordagem fornece contribuições para que os alunos sejam inseridos em um processo de ensino aprendizagem que seja de fato significativo e útil. Sendo assim, tecnologia e educação são elementos que podem e devem estar correlacionados. Tendo em vista, principalmente, que tanto as novas tecnologias da informação e comunicação, quanto a educação se baseiam e se organizam a partir da informação.

Não devemos conceber no mundo contemporâneo, a informação como algo pronto, acabado, imutável, já que a dinamicidade do cotidiano e a variedade de culturas e indivíduos permitem que a informação e consequente construção de conhecimento seja algo em constante processo. Porém, por vezes, a escola tem concebido e privilegiado a informação constante, invariável.

De acordo com Moran (2012) a informação organizada é a matéria prima da aprendizagem, tornando-se significativa quando transformada em conhecimento. Assim, a escola pesquisa a informação pronta, consolidada, como também a informação em movimento, em transformação, que surge através de novos fatos, experiências, contextos. Para ele, existem áreas com estabilidade informativa, caracterizada por fatos do passado, que

quase não se modificam. E existem também as áreas mais ligadas ao cotidiano, susceptíveis de mudanças, de novas interpretações. E estas, em sua maior parte, não são abordadas na escola.

Tais mudanças e novas interpretações, assim como o uso e acesso à informação e a construção de conhecimento, estão cada vez mais disseminadas, principalmente através das redes sociais. As informações circulam com facilidade, e são facilmente acessadas, portanto, já não se planeia mais uma escola e uma educação que não compreendam e favoreçam o uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Serres (2013, p. 70) trata esse novo paradigma como a “nova democracia do saber”, onde todos falam, todos se ouvem, compartilham e interpretam saberes diversos.

Uma escola e um processo de ensino aprendizagem que prepare o aluno/cidadão para a vida tem a necessidade de englobar em sua atividade o uso das tecnologias da informação e comunicação proporcionando uma construção de conhecimento mais dinâmica, autônoma e real. O manuseio de informações e construção processual do conhecimento deve ir além do uso do computador e da sala de informática, mas explorar outros tipos de tecnologias e recursos que os alunos já utilizam com frequência.

O massivo uso das redes sociais traz oportunidades para novos tipos de abordagem. Esta abordagem pode ter um papel preponderante na relação ensino aprendizagem na escola, bem como, no seu exterior, visto que quando aplicados ao ensino permitem que a extensão da escola vá além de sua localização física, já que o aprendizado pode ocorrer também fora dos muros da escola, e em diferentes ambientes e tempos. De acordo com Moreira e Paes (2007), o aprendizado se dá, inclusive, em situações onde não estão disponíveis um PC ou um portátil.

Sendo um aprendizado mais abrangente e inovador, relacionando escola e sociedade, como também o aprendizado da escola com o do cotidiano, das experiências. O uso das TIC permite uma construção de conhecimentos que atenda as necessidades de formar na vida para a vida, indo assim além dos conteúdos curriculares, mas preocupando-se também com conhecimentos do cotidiano, reais e necessários para a prática da cidadania e para compreensão do mundo em que estão inseridos.

Rojó (2009, p. 90) afirma que uma educação que aceita o desafio de estar ligada às transformações tecnológicas provenientes do mundo pós-moderno é uma educação pronta para “dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho, numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda de ética plural e democrática”.

Assim, as informações e os conhecimentos que entram em cena no ambiente da escola vão além de conhecimentos científicos e curriculares, englobando também elementos que permeiam a sociedade, o cotidiano.

Nesse viés, Lopes e Torman (2008) garantem que os indivíduos não mais aceitam apenas a transmissão de conhecimentos, mas buscam construí-los de forma a relacionar e aplicar o aprendizado às situações vivenciadas.

Dessa forma, a educação vem sendo um dos instrumentos elementares na articulação das relações entre conhecimento, poder e tecnologia (VALERIA, 2012). Essa articulação é favorecida pelo uso das redes sociais, que na atualidade correspondem a elementos que lidam potencialmente com informações da vivência dos alunos, como também são instrumentos de fácil acesso e utilização.

Portanto, tais argumentos nos levam a perceber as contribuições que o uso das tecnologias da informação e comunicação, especificamente, das redes sociais no ambiente da escola, e no processo de ensino aprendizagem, funcionando como novas propostas que auxiliem a construção de conhecimentos e um processo que trate o ensino-aprendizagem com um olhar mais democrático, dinâmico e real.

Desse modo, o docente precisa estar atento a essas novidades, e procurar meios viáveis para trabalhar dentro dessas perspectivas, respeitando as possibilidades de cada escola, e de cada realidade “no sentido de se criar propostas pedagógicas que incorporem as potencialidades que as novas tecnologias trazem para o processo coletivo de construção de conhecimento, para a democratização do saber e desenvolvimento da cidadania” (NOVA E ALVES, 2002).

Vale salientar ainda que, por vezes, escolas e professores não compreendem ou não aceitam a contribuição que o uso das TIC pode trazer ao seu fazer profissional, e, principalmente, as redes sociais não têm sido vistas como um subsídio, mas sim, como um obstáculo. Masseto (2000, p.133) aponta isso como um equívoco, quando diz que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino aprendizagem mais eficiente e eficaz.

Diante disso, veremos a seguir como as redes sociais, especificamente, o *facebook* pode contribuir positivamente na abordagem de conteúdos, no trabalho do processo e na consequente aprendizagem de seus alunos.

## 1.1 REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM

A nova era da informatização e comunicação gera também, o uso massivo das redes sociais, onde os usuários estão em constante troca de informações e construção de conhecimentos, além do contato e acesso com mídias e materiais diversos. Deste modo, observemos o que propõem Alexandro e Norman (2005, p. 2):

Entende-se por rede um grupo de indivíduos que de forma agrupada ou individual, se relacionam uns com os outros, com um fim específico, caracterizando-se pela existência de fluxos de informação. As redes podem ter muitos podem ter muitos ou poucos atores e uma ou mais categorias de relação entre os pares de actores.

Percebemos através deste conceito que as redes não são formadas apenas por duas ou um grupo de pessoas se relacionando mutuamente, mas também pela correlação entre essas pessoas e um fluxo contínuo de informações diversas.

Ao falar de redes, Spadaro (2013) explana que a Web 2.0 é caracterizada justamente pela formação de uma rede de contatos sociais, visto que antes disso, as pessoas tinham acessos aos conteúdos postados na internet, mas não tinham participação ativa através da participação e compartilhamento. Assim sendo, uma rede social relaciona pessoas que estejam dispostas a compartilhar pensamentos, conhecimentos e também algo sobre suas vidas.

Ainda contribuindo com esta perspectiva Braga (2013, p. 120) afirma que “as redes sociais têm sido exploradas para troca de arquivos, links e interação entre os internautas”. Assim, presenciamos uma mudança constante no modo das pessoas interagirem. Sendo o uso das redes sociais algo já corriqueiro na vida dos sujeitos, esse uso acaba gerando modificações não somente na maneira de interagir, mas também de pensar, de refletir e de aprender.

Nesse viés, a aprendizagem promovida nas redes sociais, sendo geradoras de novas situações e experimentações, podem causar também novas possibilidades de aprendizado e novos desafios relacionados à troca e ao compartilhamento de informações que ocorrem nas escolas, com um processo de aprendizagem também compartilhado, cooperativo, que é justamente o que se busca no processo de ensino aprendizagem que se dá em sala de aula.

Dessa forma, as redes sociais têm um potencial para gerar interação e consequente aprendizado autônomo, já que se almeja construir alunos para trabalharem em grupos e em redes, então, nada mais adequado do que já fazer isso de uma maneira autêntica (MATTAR, 2012).

Nessa perspectiva, o relacionamento, a troca entre os participantes é essencial para que o uso das redes sociais funcione também como um caminho para um aprendizado autônomo, descaracterizando a figura do professor como único detentor do saber e criando possibilidades

para que os alunos reflitam, argumentem, e analisem as informações, para uma consequente construção de conhecimentos. Esse processo enfoca o que ocorre não somente, pelo que se dá de maneira individual, mas também de forma coletiva.

## 1.2 NOVOS CAMINHOS PEDAGÓGICOS – O FACEBOOK

Dentre as mais utilizadas redes sociais, nos dias atuais, está o *facebook*, possuindo milhares de usuários espalhados pelo mundo todo, e que compartilham informações interagindo acerca de temas diversos, mesmo estando, por vezes, em tempos e lugares distintos.

O *facebook* foi criado em fevereiro de 2004 por Marck Zuckerberg e é uma das redes sociais mais utilizadas no mundo, sendo assim uma forma de encontro, partilha, interação e discussão de ideias. Desde sua criação, o principal objetivo foi e ainda tem sido a proporção de um local em que as pessoas possam se comunicar, partilhar informações, enviar mensagens, publicar fotografias, etc. (PATRICIO E GONÇALVES, 2010).

Por esse conjunto de razões, essa rede social atua como um espaço de construção coletiva do conhecimento, porém, com um viés autônomo, permitindo que os alunos sintam-se cada vez menos dependentes do professor e capazes de construir seus conhecimentos a partir de suas próprias análises e reflexões, viabilizando ainda que as informações postadas sejam automaticamente compartilhadas e que uns possam contribuir com as colaborações do outro.

De acordo com Braga (2013) o *facebook* oferece diversos recursos que viabilizam a publicação de textos multimodais e a formação de redes interativas, facilitando ainda a categorização e localização de informações.

Corroborando com essa ideia, Patricio e Gonçalves (2010) ainda dizem que o *facebook* é um ambiente informal em que os estudantes se sentem a vontade para comunicar, partilhar, interagir, sendo assim, atualmente, um local de constante troca de informações entre os alunos, e de possíveis construções de conhecimento. Vale salientar que alunos e professores, em sua grande parte, já utilizam essa rede social, e já realizam essa aprendizagem, mesmo que de forma inconsciente.

Sabemos ainda que o *facebook* é, atualmente, a rede social mais utilizada pelos jovens, e, o contato com a imensidão de informações presentes na internet é inevitável, visto que as informações a medida que são postadas, são também compartilhadas com todos que têm acesso a determinada página. Essas páginas são acessadas diariamente, em sua maioria.

Spadaro (2013) defende que o número de usuários do *facebook* cresceu rapidamente nos últimos anos, afirmando que em 2012 essa rede social atingiu o número de um bilhão de usuários ativos e o Brasil estava entre os cinco países com maior número de usuários cadastrados. Segundo ele, o ponto forte do *facebook* é conectar as pessoas, visto que “as estatísticas oficiais informam que 13 milhões de usuários atualizam o próprio status no mínimo uma vez por dia” (p. 97).

É notório que o acesso a informação já é garantido, através do uso da rede social, mas somente uma abordagem didático-pedagógica pode propiciar que essas informações, quando sistematizadas, possam se transformar em conhecimentos adquiridos.

A esse respeito Spadaro (op. cit., p. 94) contribui ainda que desde o princípio “a ideia básica do *facebook* era, pois, muito simples: conectar os estudantes, satisfazer um desejo difuso de socialização e de novos conhecimentos no interior do âmbito juvenil e de estudos”.

A utilização de grupos no *facebook* pode sistematizar o que se deseja abordar em relação ao processo de ensino aprendizagem e a análise de conteúdos e temas diversos, já que permite que os alunos sejam alocados, em conjunto, em um ambiente com interesse de discussão, reflexão, análise e argumentação em comum.

Segundo Braga (2013), os grupos do *facebook* podem ser abertos ou fechados, e favorecem a organização e interação de grupos de usuários, viabilizando assim o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos na escola.

A formação de grupos no *facebook* engloba os conteúdos e temas de preferência, ou até mesmo um acompanhamento dos conteúdos abordados em sala de aula, de forma mais inovadora, dinâmica e real, já que os alunos utilizam esses recursos cotidianamente, e promove a visualização dos temas a partir de mídias diversas, tais como textos, imagens, vídeos, músicas, etc. favorecendo ainda a sistematização do que se deseja abordar numa perspectiva de processo de ensino e aprendizagem que permita que alunos e professores trabalhem colaborativamente, ajudando ainda na privacidade dos membros e dos temas, visto que os grupos são recursos mais restritos, onde o acesso só é permitido às pessoas que fazem parte dele.

Minhoto (2012) explicita que a interação entre os alunos e a familiaridade com o contexto do *facebook* proporciona a construção ativa de conhecimentos. Colaborando com essa opinião, Zancanaro (et. al. 2012) defende que a facilidade quanto ao uso do *facebook* gera agregação de valor para os estudantes, como também motivação.

Paulatinamente, percebemos que o contato cotidiano com essa rede social funciona como um elemento contribuinte para que a abordagem pedagógica fazendo uso desses

recursos seja satisfatória, já que a parte técnica no uso desta já é dominada pela maioria dos alunos, como também por alguns professores.

Vale salientar ainda que uma abordagem didático-pedagógica que privilegie o uso do *facebook* como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem vai além da inserção de novas tecnologias da informação e comunicação no ambiente das escolas e das salas de aulas, mas promove também uma relação entre escola e sociedade, entre currículo e as competências necessárias para convivência e sucesso na atualidade.

Muñoz e Towner (2011) concluem que o *facebook* oferece oportunidades únicas para o processo educativo, tais como facilitar a comunicação, promover uma comunidade de aprendizagem e promover competências do século XXI.

Essas oportunidades únicas conglomeram novas possibilidades acerca dos temas abordados, visto que admitem que os alunos passem a refletir de forma mais crítica e reflexiva, em relação a elementos que antes eram cotidianos e, algumas vezes, passavam despercebidos, como também de abrem novos horizontes quanto à interpretação de fatos, discussão de assuntos cotidianos, argumentação de pontos de vista, etc.

Deste modo, Fernandes (2011) demonstra que o *facebook*, quando utilizado como ferramenta pedagógica, pode explorar e promover a elaboração no processo educativo, permitindo ainda que sejam construídas críticas e reflexões acerca de informação e conhecimento.

Preocupações neste sentido demonstram que o impacto das tecnologias na educação não depende mais simplesmente de se ter acesso a elas, mas sim de como estas serão utilizadas quando atreladas ao processo de ensino e aprendizagem. Entendendo que esses recursos não são apenas ferramentas, mas elementos colaboradores na efetivação de um processo de ensino e aprendizagem satisfatório.

Moran (2013) profere que abordagens como esta abrem caminhos para que os alunos sejam protagonistas de seus aprendizados, facilitando uma aprendizagem horizontal, ou seja, dos alunos entre si, e das pessoas em redes de interesse, através da combinação de ambientes formais e informais (neste caso, escola e *facebook*) que permite a organização e flexibilização do processo educativo em relação à adaptação de cada aluno, correlacionando o melhor do presencial e do virtual, em múltiplos espaços e tempos.

A partir destas discussões cremos que as escolas e professores, em sua maioria, ainda não trabalham com tais recursos de forma satisfatória, algo já tem sido feito em relação à inserção das tecnologias nas escolas, políticas públicas já efetivam a inserção de

computadores, notebooks e *tablets*, mas a abordagem didático-pedagógica ainda deixa a desejar.

Com isso, no tópico posterior veremos como o ambiente da escola e a prática docente podem ser redimensionados, de forma a tornam-se tecnologias culturais quanto a inserção e ao uso do *facebook* no processo de ensino e aprendizagem.

## 2 TECNOLOGIAS CULTURAIS – POR UMA REDIMENSÃO DA ESCOLA E DO PROFESSOR

A modernização que se dissemina na sociedade, e o uso massivo das novas tecnologias da informação e comunicação têm impactado a vida das pessoas através do uso destes recursos e dado maior mobilidade e flexibilidade as relações humanas e suas extensões.

Embora essa realidade já esteja presente em nossa sociedade, mesmo que por vezes inconscientemente, é notório que a escola ainda não acompanhou de forma satisfatória o ritmo de modernização, dinamismo e inovação que já permeia a vida dos alunos cotidianamente.

Muitas são as razões para que a inserção e o uso didático-pedagógico do *facebook*, por exemplo, ainda seja visto como um vilão ao processo de ensino e aprendizagem, e não como um subsídio.

Masseto (2000, p.133) afirma que “em educação ainda hoje não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando tornar o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente e eficaz”.

É oportuno observarmos que algumas vezes a própria formação do professor não o prepara para a utilização didático-pedagógica destes recursos, alguns sequer dominam as funcionalidades básicas das ferramentas. Além disso, algumas escolas também não oferecem o aparato tecnológico necessário para a efetivação de propostas inovadoras.

Porém, como propõe Menezes (2009), a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso das redes sociais, visto que a inserção e o uso destas já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades já encontradas dentro do espaço físico da escola, mesmo sem a devida abordagem didático-pedagógica, já que os alunos fazem uso das redes sociais através de seus dispositivos móveis no ambiente escolar, e, algumas vezes, até da sala de aula.

Em contrapartida, percebemos a necessidade de que sejam tomadas iniciativas para melhoria do processo de ensino aprendizagem, como também para garantia não somente do acesso dos alunos à escola, mas também a permanência.

Neste viés, é fundamental que os professores procurem trabalhar dentro de suas possibilidades, organizando os recursos que sejam disponíveis e adequando suas propostas à realidade e aos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o próprio professor, as estratégias a serem desenvolvidas e os objetivos a serem atingidos podem ser também considerados o que Simon (2012) trata como tecnologias culturais, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais,

que, de certa forma rompam com o já estabelecido convencionalmente, e proporcionem novos caminhos promissores aos processos de ensino aprendizagem, sendo assim colaboradoras para alunos e professores.

Nessa linha de pensamento, Hayles (1990, p.265 apud GREEN E BIGUM, 2012, p. 210) conceitua o pós-modernismo cultural como “a compreensão de que aqueles elementos que sempre foram pensados como sendo os componentes invariantes essenciais da experiência humana, não são fatos naturais, mas construções sociais”.

Nesse contexto, o conceito de tecnologias atrelado ao conceito de pós-modernismo, não se restringe ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito educativo, mas também em como o uso desses recursos, desprendendo esforços de escolas e professores, pode agir como um elemento questionador, reflexivo e transformador em relação aos valores, impostos ou não, as identidades moldadas na escola, aos conteúdos aos quais tem acesso, tal como as estruturas de poder social e político, já representada e, por vezes, impostas, na vivência dos alunos.

Para isto, o processo educativo deve ser compreendido como algo que vá além dos muros da escola. A forma que se vê e que se faz as escolas precisam ser revistas, refletidas e redesenhadas, levando em consideração as demandas da sociedade pós-moderna e trabalhando um novo tipo de sujeito/aluno, mais crítico, reflexivo e cidadão.

## 2.1 UMA NOVA ESCOLA?

Libâneo (2011, p.59) aponta a necessidade de uma “proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenham origem num projeto de gestão de sociedade”.

Dessa forma, o espaço físico da escola não pode mais ser visto como o único lugar onde se aprende e se ensina, e onde os sujeitos tem contato com informações e constroem conhecimentos. Tal como, o conhecimento trabalhado e as abordagens dos contextos políticos, sociais, econômicos, etc., vistos na escola não devem ser impostos como verdades absolutas.

Com isso, “a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir” (MORAN, 2013, p.31).

Vale salientar ainda que apesar de toda modernização, a escola ainda se fecha para inovação e se afunila num sistema educativo e num currículo engessado passando para os

alunos a ideia de que todos os conhecimentos da escola são verdades absolutas e não passíveis de reflexões, assim como, que todo conhecimento ao qual tem acesso fora da escola é menos importante, ou até inútil.

De acordo com Fava (2014, p. 190):

É verdadeiro que a escola é uma instituição que há 5 mil anos se funda no falar/ditar do docente, nos escritos alfarrábios do discente e, há quatro séculos, em uso moderado de material didático impresso. É certo também que, apesar de os teóricos venderem a educação centrada na aprendizagem, mesmo com o advento da tecnologia, o foco permaneceu centrado no ensino.

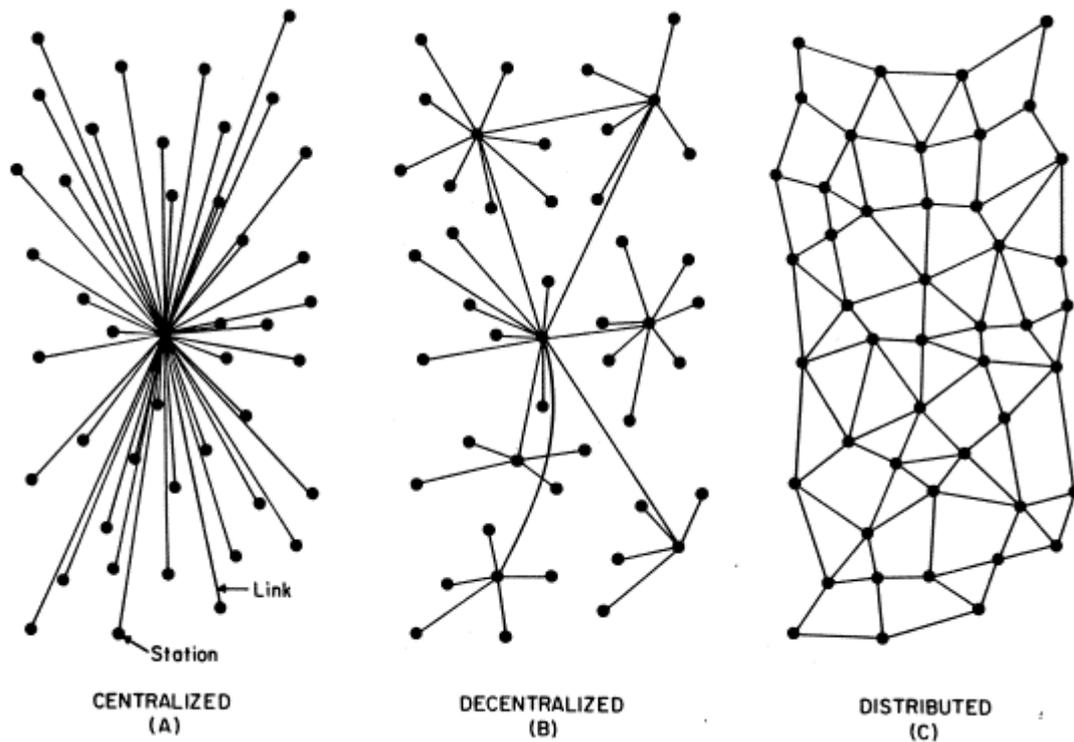
Desse modo, a escola precisa entender que há a emergência de um processo educativo que tenha como foco principal a aprendizagem, o sujeito aluno, e não mais apenas o ensino, tendo como papéis principais os professores e a escola. Agora, o sujeito/aluno passa a ser o foco do processo de ensino aprendizagem, tendo um papel mais ativo. Assim, a escola deve abrir mãos de meios que proporcionem a efetivação dessa nova perspectiva.

Esses novos meios correspondem ao que Green e Bigum (2012, p. 209) argumentam dizendo que “o currículo tende a se desvincular da escola, o que impõe uma reconceptualização que seja feita de acordo com as condições modernas e para as condições pós-modernas”.

No cerne deste âmbito, verificamos também que, como ponto de partida, as salas de aula, ainda tidas como tradicionais precisam ser redimensionadas, trabalhando em conjunto com as transformações a serem efetivadas na escola e no currículo.

Para ilustrar a estrutura das salas de aula, podemos verificar os diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran (FAVA, 2014, p.89):

Figura I – Diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran



A partir da figura acima, Fava (op. cit) compara as salas de aula tradicionais com o diagrama centralizado (A), onde o professor ainda é tido como centro de tudo e de todos, o único detentor do saber, enquanto os estudantes são passivos em relação aos ensinamentos do docente. No diagrama descentralizado (B) ocorrem comunicações informais, diferenciadas, com aprendizagens que ocorrem de maneiras diferentes, mas só no diagrama distribuído (C) são apresentadas as relações do processo de ensino aprendizagem que se almeja, onde a aprendizagem não ocorre apenas no ambiente físico da escola, mas em redes, em todo lugar e em qualquer tempo e espaço.

Diante do exposto, consideramos que o diagrama distribuído pressupõe uma aprendizagem que correlacione o virtual e o presencial, numa perspectiva de redes, sendo estas, portanto, sociais.

A efetivação de um novo modelo de escola, tal como descrito neste tópico, necessita do empenho e esforço daqueles que fazem e refazem continuamente o processo educativo. Nesta perspectiva, uma redimensão da escola exige também uma redimensão do papel do professor.

## 2.2 UM NOVO DOCENTE

É necessário ainda que se redesenhem as atitudes docentes juntamente com as transformações a serem efetuadas na escola.

Não se concebe, assim, um modelo de professor que se imponha como único detentor do saber e que não esteja aberto à novas descobertas, novas experiências, inclusive, protagonizadas pelos alunos.

O docente também necessita adotar uma postura mais flexível e trabalhar em parceria com os alunos, sendo mais que um mero transmissor de informações e/ou conhecimentos, mas um mediador da aprendizagem. Tornando-se assim também uma tecnologia cultural, favorecendo a quebra de paradigmas e contribuindo para que os alunos sejam mais ativos em relação não somente a aprendizagem da escola, mas também à realidade e ao contexto em que estão inseridos.

Segundo Libâneo (2011, p. 31) uma nova atitude docente pressupõe:

A ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos de modo que tragam para a aula sua realidade vivida.

A adoção de uma nova postura docente passaria a ver os alunos não somente meros alunos, mas como sujeitos que tem uma vida cotidiana, repleta de experiências e conhecimentos adquiridos, sendo assim sujeitos pensantes e capazes de agirem ativamente.

A redimensão da atitude docente é um dos elementos principais para que o uso da tecnologia no ambiente escolar ocorra de forma satisfatória, sendo assim, é importante também que o docente adote uma postura de colaborador, estando sempre próximo de seus alunos e disposto a ajudar, colaborar e partilhar, sendo não somente aquele que ensina, mas também aquele que aprende constantemente.

O uso do *facebook*, especificamente, sendo colaborador ao processo de ensino e aprendizagem, corresponde ainda a um caminho de aproximação e interação entre alunos e professores.

Para Moran (2012, p. 81):

Um professor que se mostra competente, humano, afetivo, compreensivo atrai os alunos. Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas ela pode ser um caminho para a aproximação mais rápida: valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente, ajuda a motivá-los, a querer se envolver mais.

Ou seja, o uso das novas tecnologias da informação e comunicação, e do *facebook*, por exemplo, não significa a substituição do papel do professor. Inserir novos recursos e novas abordagens no ambiente da escola não pressupõe que a responsabilidade e importância do professor sejam deixadas de lado, até porque, o uso da tecnologia exige um maior planejamento, e uma maior preocupação com o enfoque daquilo que é ou não importante para o processo educativo.

Diante disso, Masseto (2013, p. 142) destaca que:

O professor assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, o mais das vezes ele vai atuar como orientador das atividades do aluno, consultor, facilitador, planejador e dinamizador de situações da aprendizagem, trabalhando em equipe com o aluno e buscando os mesmos objetivos. Em resumo: ele vai desenvolver o papel de mediador pedagógico.

Creemos que através dessa perspectiva, os professores, tal como os alunos, devem ser aprendizes constantes. Um professor atuante na era digital precisa deixar de lado a postura rígida e abrir espaço para novas descobertas e novos caminhos para inovar o processo educativo ao qual está inserido.

Processos de ensino aprendizagem que se dão de maneira demasiadamente tradicionais, sem acompanhar a evolução da sociedade, e dos alunos, não interessam mais os alunos, na maioria das vezes, as escolas estão permeadas de alunos que não se sentem motivados, nem interessados pela forma na qual os professores abordam os conteúdos, visto que estes, algumas vezes, aprendem o mesmo conteúdo escolar de uma forma mais dinâmica e inovadora fora da sala de aula.

O processo educativo e o trabalho do professor deixam de ser algo linear e estático, seguindo rigorosamente o currículo e os conteúdos, mas adentram novas possibilidades, possibilitando a negociação de significados, a parceria entre professores e alunos, como também entre alunos e alunos.

O professor é peça chave para que a escola consiga acompanhar o avanço da sociedade, e dos alunos, sendo capaz de reavaliar a dinâmica do processo educativo e de agir pró-ativamente na execução de propostas que tornem o ambiente escolar e o processo de ensino aprendizagem mais agradável e proveitoso.

Moran (2012) metaforiza ao comparar a atividade docente de alguns professores com roteiros de viagens, já pré-programados e previsíveis. Ainda segundo o autor, a sociedade em

que estamos inseridos, em rápida mudança e com informações sendo disseminadas a todo o momento, não permite que sejam ensinados apenas caminhos previamente programados, mas navegações repletas de novidades e riscos, que deixem de lado as certezas que por muito tempo se pensava que existiam.

### 2.3 EIS O FIM DA ESCOLA E DO PROFESSOR?

É importante pontuar que o uso de novos recursos atrelados ao processo de ensino aprendizagem não pressupõem, nem anunciam o fim e a diminuição da escola, e do papel do professor.

A abordagem e o uso de novas ferramentas, e o trabalho com novos modos de pensar, de agir, de questionar e de argumentar através do uso do *facebook*, não diminuem a importância da escola, enquanto instituição, nem do docente, como organizador e especialista em sua área de atuação.

Porém, os modos em que ainda se fazem a maioria das escolas, das salas de aulas e dos processos de ensino aprendizagem não tem sido suficientes para manter os alunos motivados e interessados em frequentar a escola, pelo contrário, a maioria das escolas tem sido frequentada por grande parte de alunos que ali estão por obrigação, e não por prazer.

Fava (2014, p. 90) afirma que:

O docente, similar ao camaleão, precisa conhecer, adaptar-se às características, ao comportamento e à forma de aprendizagem de cada nodo sob sua responsabilidade. Significa que o professor deve estar ciente de que a educação padronizada e igual para todos é coisa do passado.

O modelo enraizado ao processo educativo, e ainda presente na maioria das escolas, em que os alunos são tratados como seres passivos não é mais suficiente, porém, a escola ainda é importante, pois é nela que se organizam e se sistematizam os principais aprendizados dos alunos, é onde se constrói a cidadania, onde os alunos devem entender, refletir e questionar acerca da realidade e do contexto em que estão inseridos.

É na escola, inclusive, que os alunos podem aprender a utilizar as novas tecnologias da informação e comunicação de uma maneira mais autêntica, satisfatória e engrandecedora à sua vida escolar, e social.

De acordo com Libâneo (2011, p. 67):

Descaracterizar o sentido da aprendizagem escolar em decorrência da presença das inovações tecnológicas é obviamente um equívoco. O valor da aprendizagem escolar está, precisamente, em introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais que supõem a relação docente.

Compreendemos assim que a rápida disseminação das tecnologias na sociedade atual, e a conseqüente inserção destas no ambiente da escola não são sinônimos da diminuição da importância da escola e do professor, muito menos um prenúncio do seu fim.

A abordagem escolar é importante na busca de significados para a tecnologia, e para as informações que nela circulam, sendo capaz de guiar os alunos na busca, análise e reflexão, questionamento e atribuição de significado pessoal em relação ao que se tem acesso, e ao que se aprende.

Moran (2012, p. 8) enfatiza que:

A sociedade evolui mais do que a escola e, sem mudanças profundas, consistentes e constantes, não avançaremos rapidamente como nação. Não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino.

Devemos assim entender que a escola, enquanto instituição, deve trabalhar em correlação com as novas tecnologias, um não exclui a importância da outra, mas enfoca ainda mais a importância de um processo educativo que leve em consideração as inovações presentes no cotidiano dos alunos, favorecendo não somente o acesso dos alunos na escola, como também sua permanência.

Essas abordagens não significam milagres, nem modelos prontos que sanem todas as falhas que o processo educativo ainda apresenta, mas podem funcionar como alternativas para o desenvolvimento de uma escola, e de um processo de ensino aprendizagem mais satisfatório.

Bettega (2010) corrobora com essa ideia quando diz que o fato de utilizar recursos tecnológicos no ambiente da escola não resolverá os problemas do ensino e aprendizagem, mas pode ser um caminho para tornar as aulas mais dinâmicas e criativas.

Assim, percebemos que a escola continua sendo importante na formação dos indivíduos, tal como, o papel dos docentes tem importância fundamental na efetivação de um processo de ensino aprendizagem satisfatório, mesmo que a escola não seja o único lugar onde se ensina e onde se aprende, e mesmo que as informações e os conhecimentos estejam cada vez mais democratizados.

Porém, o sujeito/aluno deve ser cada vez menos dependente da atuação do professor, como também do ambiente físico da escola, como lugar de aprendizagem, sendo capaz de agir de maneira mais autônoma, autonomia esta que não significa solidão, isolamento, mas que implica uma aprendizagem menos dependente do professor, e mais crítica e ativa.

### 3 PROMOVENDO A AUTONOMIA DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

#### 3.1 AUTONOMIA

Embora a autonomia seja um tema bastante discutido atualmente, ainda não podemos afirmar que seu conceito seja em sua totalidade estático, definido. Por vezes, o conceito e o sentido da autonomia permanecem no campo das ideias e das afirmações retóricas, em que muitos discutem acerca dele, mas poucos conseguem entendê-lo efetivamente e pô-lo em prática.

Como ponto de partida, podemos dizer que a palavra autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio, capacidade para fixar suas próprias regras. (STUKER, 2003). Ou seja, um ser humano autônomo é aquele que, de certa forma, governa a si próprio.

Podemos, ainda, observar o conceito de autonomia encontrado no Mini Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, editado pela Editora Nova Fronteira (2004, p.82) afirmando que: “Autonomia é a situação de quem tem liberdade para pensar, decidir e agir; independência. Situação de quem administra a si mesmo sem interferência externa (diz-se de um país, uma instituição etc)”.

Nessa linha de pensamento, Piaget (1987) afirma que a autonomia significa ser governado por si mesmo. Sendo assim o oposto de heteronomia, que significa que uma pessoa é governada por outra pessoa, sem autonomia de si.

As concepções citadas acima nos remetem a conceitos de autonomia bastante semelhantes entre si, mas que nos oferecem um sentido amplo e genérico do significado desta, deixando lacunas quanto à real importância da autonomia.

Entendemos que tais conceituações nos levam a observar a autonomia por um prisma diferente do real, pois o conceito exposto inicialmente nos remete a algo isolado e independente, ou ainda a organização individual de processos, vista como total liberdade de controles alheios.

Porém, o fato de governar a si próprio de acordo com suas próprias leis, não significa, obrigatoriamente dizer que estas atitudes serão isoladas, ou até individualistas, mas sim que podem vislumbrar meios que permitam que sejam colocadas em práticas atitudes mais críticas e reflexivas, e menos dependentes do que já se concebe convencionalmente.

Deste modo, este conceito não está relacionado à individualidade e/ou trabalho independente tanto quanto parece. Tal como afirma Contreras (2002) quando diz que

a autonomia não significa isolamento, visto que esta não é viabilizada possível sem o apoio, à relação e o intercâmbio.

Neste sentido, almeja-se a construção de uma autonomia que não signifique independência, mas que seja reflexo de um trabalho interdependente entre os diversos participantes do processo. Assim como afirma Pinto (1998, p.17) quando diz que “O ser humano não é um ser isolado, ele é intrinsecamente um ser de relação”.

Ainda relacionado ao conceito de autonomia como interdependência e sistema de relações, mas não independência, pode-se verificar as contribuições de Barroso (1996) quando afirma que:

A autonomia é um conceito relacional (somos sempre autônomos de alguém ou de alguma coisa) pelo que a sua acção se exerce sempre num contexto de interdependência e num sistema de relações. A autonomia é também um conceito que exprime um certo grau de relatividade: somos mais, ou menos, autônomos; podemos ser autônomos em relação a umas coisas e não o ser em relação a outras. A autonomia é, por isso, uma maneira de gerir, orientar, as diversas dependências em que os indivíduos e os grupos se encontram no seu meio biológico ou social, de acordo com as suas próprias leis. (p. 17)

As palavras de Barroso nos fazem identificar na autonomia uma característica de mutabilidade, ou seja, a autonomia não é algo pronto, estável e já presente nos seres humanos, mas sim algo em constante construção de acordo com os valores, fatores sociais e crenças.

Podemos assim dizer que as pessoas diante de diferentes situações, contextos e valores agem também de formas diferentes que caracterizam ou não a construção da autonomia diante destas situações diversas.

Contreras (2002, p. 193) afirma que “a autonomia, no contexto da prática de ensino, deve ser entendida como um processo de construção permanente no qual devem se conjugar, se equilibrar e fazer sentido muitos elementos.” Assim entendemos que neste ambiente de constante construção de indivíduos autônomos torna-se necessária a constante interação entre os sujeitos, como também a manutenção de um ambiente e de situações diversas que proporcionem essa construção.

Acreditamos que a definição de autonomia como algo estático e finalizado não corresponde ao sentido real da autonomia, já que não se trata de uma capacidade natural que uns possuem e outros não. Como já citado anteriormente, a autonomia deve estar relacionada ao sentido de processo constante, de construção e mutabilidade, tendo em vista que o ser humano está em constante mutação e participando de situações diversas que o condicionam ao

exercício ou não da autonomia. Tais situações podem através do uso da autonomia serem meios de tomada de decisões competentes, como ainda nos mostra Contreras:

A autonomia, entendida como a não ingerência de estranhos, tendeu a ser construída fundamentalmente pelo direito de defender uma capacidade individual para tomar decisões competentes, um atributo pessoal que, uma vez possuído, autorizaria a tomar decisões que se sustentariam no reconhecimento e aceitação pública de tais capacidades. (CONTRERAS, 2002, p.196)

É nesta perspectiva que a tecnologia e o *facebook*, devem ser inseridos e utilizados em sala de aula, atuando como elementos que permitam não só a potencialização do processo de ensino aprendizagem, como também a construção permanente de uma autonomia dos alunos de ensino médio que perpassem os muros da escola, os auxiliando a agir de forma crítica e reflexiva, mas não aceitando passivamente contextos, valores, e supostas verdades, até então impostas.

### 3.2 AUTONOMIA E ESCOLA

Diante do exposto anteriormente, verificamos que a escola deve ser um espaço aberto a novas possibilidades, que favoreça a construção da autonomia dos alunos, inclusive, através do uso do facebook, e que não seja uma instituição que limite a capacidade de pensar dos sujeitos, nem que castre as possíveis indagações que estes tenham em relação ao contexto em que estão inseridos socialmente, como também ao processo de ensino aprendizagem que fazem parte.

O espaço da escola, não se restringindo ao ambiente físico da sala de aula, precisa transformar-se em locais de socialização e problematização que criem situações que gerem atitudes de aprendizagem autônomas, menos dependentes do papel do professor, como aquele que sabe mais.

É importante, como registrado nas Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2002), que os alunos sejam capazes de utilizar sua autonomia, inclusive, para realizar buscas na internet, e possíveis compartilhamentos de informações, sendo protagonistas do processo de ensino aprendizagem e mantendo-se atualizados e informados, podendo utilizar essas informações além da escola. Além disso, o estímulo ao aluno e a atribuição de responsabilidade em relação às atividades, discussões e reflexões a serem desenvolvidas pode ser um caminho promissor à promoção da

autonomia, selecionando informações pertinentes, organizando-as e estruturando-as de modo coerente.

Dessa forma, os alunos tornam-se sujeitos de seu aprendizado, adquirindo competências que perpassem a escola e cheguem à vida.

Colocam-se assim como exceções práticas pedagógicas que não abram espaço para que os alunos se posicionem, construam seu próprio conhecimento de forma autônoma e reflexiva, sabendo agir de forma coletiva, e respeitando a opinião e contribuição dos colegas e demais participantes do processo de ensino aprendizagem, que não problematizem, não gerem debates, questionamentos, ponderações.

De acordo com Leivas (2008, p.82):

Para que esse tipo de posição passe a se tornar exceção, torna-se cada vez importante que os educadores do século XXI construam nas escolas “espaços de estudo, discussão e/ou reflexão sobre métodos e técnicas que enfatizem a criatividade, a curiosidade, a exploração, a descoberta, a motivação, a autonomia...”.

Compreendemos ainda que o uso das redes sociais, e do *facebook*, especificamente, atrelado ao processo de ensino aprendizagem é um elemento contribuinte na criação de situações que favoreçam que o aluno se posicione de forma autônoma e criativa.

A diversidade de recursos e materiais que circulam nesta rede social, tal como a seleção de materiais específicos, em relação a disciplinas e/ou objetivos das escolas podem provocar condições favoráveis ao debate, ao questionamento, a saída da condição de passividade, para uma situação ativa, crítica e cidadã.

Quanto aos auxílios que o uso das novas tecnologias pode ter no ambiente da escola, Libâneo (2011, p. 70) pontua o desenvolvimento do pensamento autônomo, vejamos:

As mídias apresentam-se, pedagogicamente, sob três formas: como conteúdo escolar integrante das várias disciplinas do currículo, portanto, portadoras de informação, ideias, emoções, valores; como competências e atitudes profissionais; e como meios tecnológicos de comunicação humana (visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para o ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando, portanto, efeitos didáticos como: desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problemas.

Reiteramos assim que promover a autonomia dos alunos de ensino médio, atrelada ao uso das redes sociais, corresponde não somente à inserção de novas ferramentas e recursos,

mas também à novas formas de abordagem de conteúdo que possam integrar positivamente as várias disciplinas componentes do currículo, além de favorecer ainda o envolvimento dos conhecimentos científicos com elementos presentes no cotidiano dos alunos, dinamizando a comunicação e desenvolvendo a maneira de pensar e agir autonomamente, organizando e sistematizando pensamentos e estratégias, refletindo, argumentando e conduzindo seu próprio processo de ensino aprendizagem da maneira mais viável e satisfatória, em relação a estilos diferentes de aprendizagem.

Para tal, a prática e a promoção da autonomia na prática educativa deve ser um exercício permanente, onde docentes e alunos devem demonstrar uma postura curiosa, aberta e provocativa. Desafios devem ser o foco do processo de ensino aprendizagem, através de experiências estimuladoras, onde os alunos entendam que além de alunos são sujeitos sócio-históricos-culturais e reflitam acerca da realidade e do contexto em que estão inseridos, sendo capazes assim de traçar suas trajetórias e tomar decisões com responsabilidade, respeitando-se mutuamente.

De acordo com Freire (1996), o trabalho com a autonomia constitui uma prática educativa preocupada com a dimensão social da formação humana, onde o amadurecimento é elemento principal, já que não significa um favor concedido ao outro, mas uma questão ética onde a dignidade, a autonomia, a curiosidade, o gosto estético, as inquietudes, a linguagem e as identidades devem ser respeitadas.

Ainda nesta perspectiva, a Lei de Diretrizes e bases da educação nacional (LDB) (BRASIL, 2013, p. 24) no artigo 35 da seção IV, expõe como uma das finalidades do Ensino Médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Conforme vimos acima, é imprescindível que a escola seja um lugar que favoreça constantemente a construção da autonomia dos alunos, e que os docentes trabalhem com ética e responsabilidade para viabilizar a construção desta, mudando a perspectiva do docente como único detentor do saber, e tratando o aluno autônomo não como uma ameaça, mas como um auxílio potencializador a eficácia do processo de ensino aprendizagem.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais e tecnológicas ocorridas na sociedade emergem a necessidade de novas maneiras de se efetivar o processo de ensino aprendizagem, auxiliando o trabalho do professor, tão como favorecendo uma aprendizagem mais real e ativa para os alunos.

As propostas discutidas neste estudo finalizam que o uso das redes sociais, especificamente do *facebook*, através dos dispositivos móveis, pode contribuir para a efetivação de um processo de ensino aprendizagem colaborativa, instigando um trabalho que trate alunos e professores como parceiros, na partilha de informações e consequente construção de conhecimentos.

Concluimos que tal proposta viabiliza a construção de novas possibilidades em sala de aula, inclusive mudando a perspectiva do professor como único detentor do saber, e dos alunos como aqueles que nada sabem. O uso das tecnologias, a postagem de materiais diversos, os comentários que ocorrem nos grupos, assim como os outros recursos presentes no *facebook* permitem que a construção de conhecimentos se dê de forma real, partilhada e autônoma, favorecendo ainda o respeito pelas opiniões alheias, e o trabalho numa perspectiva de cooperação, de construção mútua.

Mesmo que o uso do *facebook* ainda seja visto como algo negativo, quando atrelado aos ambientes escolares, é mister que as escolas e os professores atuem de maneira inovadora e permitam-se à tentativa de novos caminhos que redimensionem à abordagem de conteúdos, que por vezes é bastante criticada, quando enfocada de maneira tradicional. Lembrando ainda que esta proposta deve respeitar a realidade das diversas escolas e salas de aula, tornando o planejamento e a sistematização do trabalho elementos fundamentais para a concretização das metas.

## REFERÊNCIAS

ALEJANDRO, Velázquez Álvarez O.; NORMAN, Aguilar Gallegos. **Manual Introdutório à análise de redes sociais: Medidas de Centralidade**. 2005. Disponível em: <[http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOSkSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio\\_ex\\_ucinet.pdf](http://api.ning.com/files/ib7AWBiwEwSRilCmh7sNfwlCgobUCA5QiUqiZOSkSh15AhSOE9XhzcVRUr5JXYapSVS45I5OKOBEjoSvbD-ykrzDOcrBPq7N/Manualintrodutorio_ex_ucinet.pdf)> Acesso em julho de 2013.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini Almeida; VALENTE, José Armando. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2010.

AULETE, Caldas. **Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira. 2004

BARROSO, J. O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In J. Barroso (org). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRAGA, Denise Bértolli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo, Cortez, 2013.

BRASIL/SEMTEC. **PCN+ Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. **LDB: Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 8. ed. Brasília: 2013.

CARVALHO, Ana Amélia A. **Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores**. Lisboa: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <[http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual\\_web20-professores.pdf](http://www.crie.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf)> Acesso em 26 de outubro de 2012

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERNANDES, Luís. **Redes sociais online e educação: Contributo do facebook no contexto das comunidades virtuais de aprendentes**, Universidade Nova de Lisboa: 2011. Disponível em: <[http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio\\_TRMEF.pdf](http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf)> Acesso em novembro de 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

LEIVAS, Marta. “**No olho do furacão**”: as novas tecnologias e a educação de hoje. In: SILVA, Mozart Linhares da. Novas tecnologias – educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LIMA, Érika Rossana Passos de Oliveira; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. **A tecnologia e o ensino de química**: jogos digitais como interface metodológica. In: SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Tecnologias Digitais na Educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

LOPES, Kátia de Conto; TORMAN, Ronalisa. **O educador frente às diversidades da contemporaneidade**. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli. Formação de professores: Abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.

MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013.

\_\_\_\_\_, Marcos T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MENEZES, Célia Maria Cardoso de Abreu Vasconcelos Quintilha de. **Utilização de dispositivos móveis na escola do séc. XXI**: O impacto do podcast no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico. Portugal: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2009.

MINHOTO, Paula Maria Lino Veigas. **A utilização do facebook como suporte à aprendizagem da biologia**: estudo de caso numa turma do 12º ano. Bragança: Escola superior de educação. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências, 2012.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MOREIRA, Fernando; PAES, Cristina. **Aprendizagem com dispositivos móveis**: Aspectos técnicos e pedagógicos a serem considerados num sistema de educação. Challenges 2007 – Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação. Braga: CCUM, 2007.

Muñoz, Caroline Lego; TOWNER, Terri. **De volta ao muro**: Como usar o facebook em sala de aula da faculdade. Revista FirstMonday. Volume 16, número 12. Chicago: 2011.

Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/3513/3116>>  
Acesso em novembro de 2013

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. **A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação**. UFBA. Salvador: 2002.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. **Utilização educativa do facebook no ensino superior**. In: I Internacional Conference Learning and Teaching in Higher Education. University of Évora: Évora, 2010.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Suíça: Editora Guanabara. 1987

PINTO, C. **Escola e autonomia**. In DIAS, A., SILVA, A., PINTO, C., HAPETIAN, I. **A autonomia das escolas: um desafio**. Lisboa: Texto, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. **Práticas de letramento digital para crianças: fatores de diversidade e possibilidades pedagógicas na aquisição do português escrito**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIMON, Roger J. **A pedagogia como uma tecnologia cultural**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STUKER, Guilhermina. **A autonomia da escola pública sob a ótica do docente: O olhar de quem ajuda a tecer a trama**. Itajaí, SC. Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

VALERIA, M. **Escola, aprendizagem e tecnologia**. In: Revista Linha Direta. Belo Horizonte: Rona Editora, 2012.

ZANCANARO, Airton. Et. Al. **Redes Sociais na Educação à Distância: Uma análise do projeto e-Nova**. Datagramazero: Revista da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr12/Art\\_05.htm](http://www.dgz.org.br/abr12/Art_05.htm)>. Acesso em 22 de novembro de 2013.